

sódios míticos que a tradição iconográfica converteu em unidades de representação: seja o caso das glosas *Paridis Iudicium* e *Septem*. (Esta última, por sinal, pela abrangência do catálogo e pela riqueza dos comentários figura um verdadeiro ensaio, lavrado com a precisão e acuidade características de I. Krauskopf).

Nos adendos, um extraordinário feito de erudição contempla uma iconografia opulenta: complementando o verbete *Mousa*, *Mousai*, que Anne Queyrel preparou no vol. VI (p. 657-689), Lucia Phaedo (p. 1991-1013) contempla a figuração das Musas na Idade Helenística; já o artigo "Musae" divide-se em duas partes: Janine Lancha assina um apanhado sobre o repertório das imagens das musas no Ocidente romano, com exceção das representações dos sarcófagos, estas consideradas adiante, numa abordagem conjunta, por esta estudiosa e L. Phaedo.

Além dos verbetes aqui evocados, seria possível destacar muitos outros, no volume em apreço. Mas é o padrão geral do conjunto que suscita a maior admiração. O LIMC se afigura a maior realização coletiva da erudição clássica nos últimos tempos.

ORDEP SERRA
Departamento de Antropologia
Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia

BURKERT, W. *Mito e Mitologia*. Lisboa: Edições 70, 1991. 81p.

A introdução da monumental publicação *Propyläen Geschichte der Literatur*, vol. 1 de 1981, foi-nos oferecida como um pequeno livro de caráter propedêutico, indispensável para os iniciantes no assunto. Da autoria do prof. W. Burkert, considerado atu-

almente o melhor especialista em mitologia, o livro, nesta edição, tem M. H. Rocha Pereira como tradutora e L. Scheidl como revisor.

Discutindo inicialmente essência e função, o autor distingue duas correntes definidoras do mito (G. Kirk e M. Eliade), aponta limitações nestas correntes e recomenda que "não se procure a especificidade do mito no conteúdo, mas na função". Propõe, inclusive, algumas funções do mito tais como, "cartas de fundação de instituições, explicações rituais, precedentes para aforismos mágicos, esboço de reivindicações familiares ou étnicas, e, sobretudo, orientação que mostra o caminho neste mundo ou no além."

Burkert analisa os mitos como estruturas de sentido, metáforas ao nível da narração. Pela abordagem estruturalista dos mitos, registra algumas variações nas narrativas, mas não deixa de recomendar que estruturas semelhantes indicam realidades distintas que, em contaste, definem a mitologia dos vários povos (seção dois).

Numa terceira seção, temos um apanhado histórico detalhado sobre as teorias do mito de Felix Buffière, 1956, e Jean Pépin, 1958 (explicação alegórica do mito); Richard M. Dorson, 1955 (associação mito, natureza e astrologia); W. Robertson Smith, Jane Harrison 1890, 1912; Samuel H. Hooke, 1933; Fontenrose, 1966; Kirk, 1970 (a teoria do mito como narrativa ligada a rituais); Freud, Otto Rank, 1909; Jung, 1957, 1976; Jung-Kerényi, 1942, 1976 (a teoria da análise psicanalítica dos mitos) até o estruturalismo de Lévi-Strauss, 1958, 1964/71.

Vamos encontrar uma distinção entre mito e narrativa épica na quarta seção. Enquanto os mitos são estruturas iniciais, as narrativas épicas, segundo ele, tendem para o pormenor; têm forma elaborada (versificada em hexâmetros) e uma linguagem artificial constituinte de um modo "quase real". Enquanto o mito tem uma função e uma realidade extrapoética, a função da epo-

péia morre nela mesma, já que ela é “narrativa por si só, dedicada à glória dos homens e mulheres de antanho”.

A seção seguinte destina-se à primeira formulação sistemática da tradição mítica dos gregos, ou seja, à genealogia. Burkert cita Hesíodo (*Teogonia* e *Catálogos*) como referência literária e Paula Philipson, 1936, como referência teórica.

A orientação mais genérica nos mitos, isto é, nos que abordam a formação do mundo, estará na seção seguinte. Autores teóricos citados são Eliade (Ed.) 1964; A. Olerud, 1951; F. Vian, 1952; Stylianos C. Kapsomenos, 1964; R. Merlebach, 1967; Burkert, 1968. As narrativas arroladas são as do velho testamento, as dos egípcios, dos hindus e babilônios e, mais especificamente, as narrativas gregas de Hesíodo, Ferecides de Siros, Anaximandro de Mileto e Platão.

Apos tudo isso, o autor lança o olhar sobre as artes plásticas e em “O desenvolvimento do mundo dos mitos arcaicos” vamos encontrar boas referências para as representações iconográficas do mito.

A seção dez dedica-se à crise do mito grego no final do séc. VI e na seção onze o autor aborda a tragédia como um gênero, que tendo surgido durante os tempos da crise do pensamento mítico, veio a tornar-se a mais poderosa forma poética do mito.

Numa etapa seguinte, Burkert ocupa as últimas seções com a Etrúria, Roma e o *Poeta Doctus*.

Encerra seu assunto com o tema “Cristianismo e Gnosticismo”.

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO
BARBOSA

Departamento de Letras Clássicas

Faculdade de Letras
Universidade Federal
de Minas Gerais

BENOIT, Hector. *Sócrates. O nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996 (Coleção Logos). 159 p.

A Editora Moderna está publicando a “Coleção Logos”. Seu objetivo, ao que parece, é apresentar filósofos clássicos ao público jovem do colegial e dos primeiros anos da graduação. Cada livro contém um estudo introdutório e uma seleção de breves e diversos textos do filósofo, ambos feitos por um professor ou pesquisador especialista no autor estudado. Nessa coleção saiu *Sócrates. O nascimento da razão negativa*, de Hector Benoit, professor de História da Filosofia Antiga na Unicamp e fundador e diretor do CPA (Centro de Estudos e Documentação do Pensamento Antigo).

Esse livro, com uma linguagem clara e simples e com uma abordagem que suscita interesse pelo assunto e prende a atenção do leitor, mostra como a pesquisa acadêmica e a divulgação científica podem aliar-se de modo fecundo e produtivo. Sem faltar ao objetivo a que se destina e ao espírito da divulgação, esse livro apresenta uma leitura original e instigante, senão desafiadora, da figura enigmática de Sócrates, com base nos textos clássicos de seus contemporâneos Aristófanes, Xenofonte e Platão, e dos doxógrafos posteriores, Diógenes Laércio e Aulo Gélcio, entre outros.

A originalidade dessa leitura de Sócrates, proposta por Benoit, reside principalmente no uso que faz do conceito de negatividade e na solução dada ao intrincado problema da historicidade do Sócrates platônico. Benoit recorre amplamente ao conceito de negatividade para realçar importantes traços do retrato tradicional de Sócrates e para determinar enfim o que seriam os limites do método e do pensamento socráticos, – com o que se justifica plenamente o subtítulo *O nascimento da razão negativa*.